

**Artigos**



## “NÃO FUI POR AMOR, FUI PELA DOR: REFLEXÃO ACERCA DA CURA E DA CONVERSÃO NO PENTECOSTALISMO”

Edlaine de Campos Gomes\*

**Resumo:** A discussão levantada neste trabalho tem como objetivo a reflexão dos motivos pelos quais a conversão ao pentecostalismo ocorre, muitas vezes, como a busca pela cura de algum tipo de doença (seja ela física ou espiritual). Essa abordagem leva em conta as narrativas dos fiéis, principalmente da Assembléia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).<sup>1</sup> A frase “Não fui por amor, fui pela dor” estava diretamente vinculada à conversão de diversos pentecostais entrevistados, estabelecendo, assim, uma opção religiosa advinda da promessa de cura pela salvação. No caso específico da IURD, vemos que existe um mediador nessa relação: o dinheiro; que seria uma mediação entre a bênção requerida e o responsável em promovê-la, Deus. Apresentando-se, então, como um elemento fundamental no processo ritualístico da cura.

**Palavras-chave:** religião, ritual, pentecostalismo, cura.

**Abstract:** The article aim is to discuss the motives of the conversion to the Pentecostalism, mostly like the searches for heal of some kind sickness – physical or spiritual. This approach to consider the narrative of the churchgoer, mainly of the Assemblies of God and Universal Church of the Kingdom of God. In this specific case, we see that there is one mediator in this relation: the money – that would be a mediator between the blessing and God. Therefore, it is fundamental element in the ritualistic process of heal.

**Keywords:** religion, ritual, Pentecostalism, heal.

---

\* Doutoranda em Ciências Sociais/UERJ - e-mail: [edlaine\\_gomes@hotmail.com](mailto:edlaine_gomes@hotmail.com). R. Desembargador Pedro Silva 2202, Bl. 8 Apt. 23, Cond. Argus – Coqueiros, Florianópolis/SC. CEP 88080-700. Tel. (xx48) 2480732).

<sup>1</sup> Informações retiradas das entrevistas coletadas e utilizadas em minha dissertação de mestrado, “Movimento do Espírito: unidade e diversidade do pentecostalismo na Baixada Fluminense”, apresentada no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, 1998. Uma versão desse texto foi apresentada na Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Brasília, 2000.

*“Não fui por amor. Fui pela dor”*, essa frase não tem um dono determinado, podemos dizer, até mesmo, que ela já é parte integrante do discurso pentecostal relacionado à cura. Ela foi várias vezes pronunciada pelos mais diferentes fiéis, das mais diversas denominações. Esteve presente em várias narrativas, sempre carregadas de emoção. Ela resume muito bem os motivos que levaram grande parte das pessoas a se converterem ao pentecostalismo.

A conversão ao pentecostalismo, em geral, é um momento significativo tanto para o indivíduo que se converte quanto para o conjunto dos membros de sua denominação. Um dado marcante, nesse processo, é o espaço dado durante os cultos aos fiéis convertidos que têm na palavra, na oralidade, a oportunidade de contar os ‘dramas’ vividos no ‘passado’, da vida anterior à conversão. Nessas narrativas, este ‘passado’ está sempre associado a algum tipo de ‘dor’, seja física, psicológica, espiritual ou social.

“Fui pela dor”. Esta é uma frase “chave” para compreendermos o processo de conversão ao pentecostalismo, tendo em vista que não são palavras perdidas em discursos isolados, atuando quase como um padrão discursivo. Desta forma, proponho uma discussão que enfatize o discurso da ‘dor’ nessas narrativas, considerando que ele atua significativamente como um veículo propulsor de novas conversões.

Um dado importante que deve ser levado em consideração, é que a expressão, “não fui por amor, fui pela dor”, esteve muito mais presente no discurso de conversão dos fiéis de camadas populares que nos de camadas médias, no caso mais específico da pesquisa realizada, os integrantes da IURD. Neste caso, as narrativas de conversão direcionavam-se a questões como perda de emprego, depressão, desestruturação familiar etc. Mais adiante colocarei em discussão a especificidade desta denominação no campo pentecostal.

É difícil não perceber o quanto é importante essa mudança de vida para os fiéis. Muitos ainda trazem a expressão da dor em suas faces. Apesar de dizerem com tanta força e convicção que se converteram pela “dor”, já esboçam a “felicidade” de terem sido recebidos com amor pelas respectivas igrejas.

Esse é um dado muito significativo para que se compreenda a passagem da “vida mundana” para uma “vida fora do mundo”, distinção essencial para a compreensão da visão de mundo pentecostal. A grande marca é a relação da dor com a vida mundana, como vemos nessa narrativa:

O que me levou foi porque eu aceitei Jesus, mas não fui por amor, fui pela dor. E me dei muito bem, desde que aceitei Jesus a minha vida se transformou completamente. Ele modificou a minha vida. Porque muita gente pensa que você vai para a igreja para ficar rica, mas eu fui para ganhar a Graça de Deus. Fui pela dor. Fui sofrendo. Eu havia perdido meu filho atropelado, com cinco dias perdi meu pai, que morreu de infarto. Eu fiquei muito desesperada. (MA)

A vida ‘mundana’, anterior à conversão, caracteriza-se por seus constantes infortúnios. Ela é o próprio sinônimo da ‘dor’. Dor que só é ultrapassada quando buscam a “graça” pelo processo de conversão. A ‘dor’ não limita-se a um sintoma meramente físico. Ela pode incluir desde uma doença física até uma opção religiosa anterior, uma “religião errada”, orientada pelo “maligno”.

Como nos mostra MARIZ em seu estudo sobre o processo de recuperação do alcoolismo através da conversão às igrejas pentecostais, não somente as causas sociais são apontadas como fomentadoras do problema, “*são apontados pelos pentecostais de camada popular o elemento sobrenatural. O “espírito maligno”, “o espírito mau”, o “inimigo oculto”, o “adversário”, ou “a obra do diabo” são expressões usadas pelos entrevistados ao se referirem ao responsável pela dependência alcoólica.*” (MARIZ, 1994: 218)

No geral, o discurso pentecostal contém uma visão maniqueísta, onde o “maligno” está presente em tudo e em todos os que não “aceitam Jesus” e, conseqüentemente, o bem/saúde/salvação está sempre associado à vida desligada do mundo. Essa preocupação com a vida desligada do mundo, que é considerado impuro e “um domínio do maligno”, e estar sob a sua influência impede o caminho da salvação, perpassa por toda a construção do “ser pentecostal”. A separação/ligação entre o bem e o mal, que a princípio estão radicalmente separados, é parte integrante da visão de mundo pentecostal, apesar de todas as contradições que podemos encontrar nessa relação. Há uma luta constante entre esses domínios, mas também existe uma ligação íntima entre eles.

É interessante perceber o quanto a relação das palavras dor e amor é cheia de significados no processo de passagem do mundano/impuro/doente para a libertação/salvação. Esse “novo” mundo é traduzido pelo ‘amor’, que julgam estar presente nas denominações, às quais converteram-se. Neste sentido, não há diferença nas narrativas, sejam elas pentecostais tradicionais, neopentecostais ou renovadas:

Foi doença, porque quando a gente não vai pelo amor, a gente vai pela dor. Meu pai já frequentava há muitos anos e procurou incentivar para que eu fosse, mas eu nunca me interessava, e eu era espírita e não queria mais ser. (RG)

A doença, que aqui é associada à crença anterior, só foi curada na medida em que a necessidade de buscar um novo caminho religioso tornou-se iminente. Essa discussão a respeito da convivência entre o “bem” e o “mal” ou entre o “sagrado” e o “profano” foi elaborada por CONTINS ao contrastar as religiões afro-brasileiras ao pentecostalismo. Segundo a autora:

ao evangelizarem, os pentecostais ressaltam que esta é a principal tarefa do crente, ou seja, levar a “palavra” e exorcizar os principais demônios que estão “incorporados” nos umbandistas (...) Ao assumirem a “Palavra de Deus”, assumem também o combate ao demônio, que é representado pelas religiões afro-brasileiras. O “outro” dos pentecostais brasileiros é a Umbanda, é o Candomblé. Esse outro tem que ser expulso, para que se possa estar em Jesus. Tem que se expulsar o demônio, para reconhecer deus, da mesma forma que um pentecostal só é pentecostal porque expulsou o umbandista. (CONTINS, 1995: 147)

No que diz respeito ao passado religioso, principalmente se vinculado ao Candomblé ou à Umbanda<sup>2</sup>, é sempre referido como sendo uma manifestação demoníaca. Segundo essa visão, essas religiões são geralmente ligadas ao “maligno”, não possuindo qualquer teor positivo em suas crenças e práticas. Tudo que vem delas não tem validade, só contribuem para a “derrocada das vidas”, levando as pessoas a se afastarem de Deus, que “é a única verdade”.

O discurso que as declara como uma criação do demônio, pode ser encontrado em qualquer resposta pentecostal. São categóricos quanto a essa questão, não admitindo nenhum tipo de virtude vinda dessas crenças. Esse fato, torna as religiões de matriz africana um dos principais alvos dos discursos proselitistas dos pentecostais. Na fala de um dos fiéis isso fica explícito:

Foi castigo, eu fui atropelada, foi castigo. Porque eu mesma caí debaixo do ônibus, aqui na Dutra. Uma semana antes, o “troço” arriou em mim.

<sup>2</sup> Muitas vezes confundida com o Espiritismo.

Eu trabalhava com o “Malandro”, aí quando ele arriava, eu botava chapéu na cabeça, calça listradas, ficava descalça e com uma faixa vermelha na cintura. (Gr)

Dessa maneira, os pentecostais se julgam no dever de “evangelizar” a todos, já que contam com a devida “aprovação” de Deus. Querem salvá-los levando a Palavra e exorcizando os possíveis demônios que estejam incorporados nesses outros “fiéis”. Armados pelo poder do Espírito Santo detêm a “verdade religiosa”, que é capaz de salvar aqueles que nela crêem. Assim se coloca um pastor da Universal referindo-se à necessidade da salvação:

(...)são religiões que não têm a Palavra de Deus, não estão crendo no Deus vivo. Aham que Deus quer o sacrifício da pessoa. A Bíblia diz que não. O único sacrifício que ele quer, é um louvor. Louvor a Deus não é apenas cantar, mas também assumir sua Palavra e combater o demônio. Agora, o povo umbandista, candomblecista, é um povo que a Bíblia diz que não está nos braços de Deus. Não estão em posição de salvá-los... Não, aquele povo não está salvo... se nós os cristãos não orarmos para que Jesus liberte eles para eles virem fazer parte dessa família de vencedores, não de famílias fracassadas, vão continuar sem esperanças. (Al)

Como podemos ver, acreditam que a liberdade está na aceitação de Jesus e os que não crêem precisam de ajuda para encontrar a salvação. Nesse sentido, é uma obrigação de todo pentecostal a luta pela conversão “*daqueles que vivem no mal*”. Ao assumirem a Palavra de Deus, assumem também o combate ao demônio que, nesse caso, está representado naquelas religiões.

Vemos com MARIZ que “o termo *libertação* é fundamental no discurso pentecostal, em geral, e no do ex-alcoolista especialmente; esses experimentam sua recuperação como uma *libertação do demônio ou do mal* (...) *Fala-se de libertação do álcool e não arrependimento do alcoolismo.*” (MARIZ, 1994: 206-207)

Na mesma medida, a ligação de todas as “doenças” relatadas como impulsionadoras das conversões, são diretamente relacionadas ao tempo passado, no qual vivia-se sob o julgo do “maligno”. A “libertação do mal”, relacionada à doença física, mental, afetiva ou religiosa, é conquistada pelos novos fiéis através da conversão. Essa “libertação” é parte integrante do discurso das denominações pentecostais, que de uma forma ou de outra, oferecem os meios para conquistá-la. Para o converso, essa

libertação significa “*um novo estilo de vida, uma nova concepção de mundo, de eu, de liberdade, enfim uma nova episteme (...)*.” (IDEM, 207-208)

Na narrativa que segue, vemos que a ‘dor’ pode ser proveniente, também, de um ente querido. O socorro prestado pela igreja, no caso sua “única saída”, promoveu a “solução” para o sofrimento de ambos.

É como diz o ditado: se a gente não vai pelo amor, a gente vai pela dor. Então, eu fui pela dor. Através do meu marido. Ele passou mal e deu uma crise no meio da rua. Caí e não tive socorro, o socorro que tive foi dado na igreja, dos “irmãos”. Aí, eu tive esse socorro e lá ele levantou as mãos e eu também levantei, e passamos a ser crentes. (JG)

ROLIM afirma que o ritual de cura, apesar de sua difusão no pentecostalismo, não significa “recusa e dispensa de cuidados hospitalares”. Os pentecostais recorrem à medicina, mesmo que acreditem mais no dom da cura que nos remédios. Todavia, quando este último é eficaz, acreditam que a força divina tenha atuado no medicamento. Assinala ainda que apesar de ser um caso raro, os pentecostais chegam a construir hospitais. Cita o caso de um hospital em Paracambi, na Baixada Fluminense, que foi construído por um pastor local que “*visitando diariamente os doentes, atravessa as várias salas, chapéu na cabeça, a cobrir-lhe os cabelos brancos contrastando com a pele enrugada, atende pacientemente a todos, sem distinção de credo... Para ele, o pastor, não há discrepância entre a assistência hospitalar e o poder da cura... Duas realidades que na prática não se contradizem... Mas ali se completam*”.<sup>3</sup> (ROLIM, 1985: 213)

Embora esse dado seja muito importante, algumas entrevistas indicaram uma postura oposta, como vemos neste depoimento:

Foi o pastor, ele que fala, aí a gente não toma remédio. A gente só toma remédio que Deus manda, que Deus manda a gente tomar. Deus toca no nosso coração, que a gente tem que fazer isso, isso, isso... Então a gente vai. Porque Deus tocou nosso coração, a gente vai fazer com fé. Então, através da fé e da oração a gente fica boa. Eu ia andar de cadeira de rodas, mas aí Deus me tocou e eu fui curada na igreja. Deus tocou, que eu tinha que andar muito. Eu tinha que andar muito a pé. Ia a pé de Éden à Pavuna, que era para o osso ir para o lugar e, através também das orações e do óleo ungido da igreja. Hoje em dia eu ando, eu trabalho. Eu fiquei aleijada, quando fui atropelada. (GR)

<sup>3</sup> A fundação desse hospital, conforme depoimentos, aconteceu porque as práticas

No discurso de uma outra informante, referindo-se aos programas de rádio das igrejas pentecostais, podemos constatar a importância da “corrente de libertação”<sup>4</sup> e a ratificação da maior eficácia do ritual da cura em relação ao ‘ritual médico’:

O que me levou a ouvir esses programas foi a enfermidade do meu filho, quando os médicos desenganaram o meu filho. Eu tenho isso tudinho comprovado. Tenho os exames. Meu filho teve falta de oxigênio no cérebro e os médicos disseram que não podiam fazer mais nada por ele. Ele estava na última etapa da vida, na última fase. Eu não tinha a quem recorrer. Aí uma pessoa me evangelizou, me falou de Jesus. Mesmo sem acreditar fiz uma oração dentro de casa e senti que Deus respondeu àquela oração. A partir daquele momento, eu me dediquei, passei a frequentar a igreja, a fazer corrente(...)” (GO).

No relato seguinte, o fiel menciona o problema do desemprego, que fazia com que se sentisse ‘pequeno’ e ‘fraco’. Mas esse mesmo problema não o abalaria mais, pois sente-se seguro na igreja que o acolheu.

Lá na igreja eles tem a mania de dizer que a gente vai a Deus por amor ou pela dor. Eu acredito que eu tenha ido pela dor. Porque não passei uma fase boa na minha vida... De repente, eu me senti muito pequeno, muito fraco, e exatamente essa fraqueza que eu tava sentindo se refletia na minha família, nessa fé e força que eles sentiam. Então, eu comecei a procurar ... Mas nunca me dava com religião. Eu achava um negócio muito chato... De repente, num carnaval eu fui convidado para um retiro espiritual... Eu achava que era o fim do mundo sair do RJ no carnaval. Mas fomos para Angra dos Reis. De repente, eu comecei a ver que tinham jovens fugindo de todas essas coisas, que eu achava o

---

dos ‘crentes’ (orar, cantar e ler a Bíblia) ao visitarem seus entes causavam muitos aborrecimentos, principalmente porque o hospital da região era mantido pela Igreja Católica.

<sup>4</sup> Num momento da pesquisa de campo tive a oportunidade de participar de uma corrente na Igreja Vitória para Cristo e na Assembléia de Deus. Fui convidada pelos dirigentes da celebração para compô-la. A corrente nada mais é que um círculo onde todos se dão as mãos, permanecendo de cabeças baixas para orar. Em seguida, um dirigente (diácono ou pastor) põe a mão na cabeça de cada um e faz uma oração particular. Neste caso, não se trata de curar, mas sim, pedir que a pessoa seja abençoada. No meu caso, especificamente, orou para que eu abrisse meu coração e aceitasse Jesus.

máximo... A partir daí, eu comecei a frequentar a igreja e me converti na IGREJA METODISTA. Eu passei a ser uma pessoa mais serena. Passei a acreditar mais no dia do amanhã, coisa que eu não acreditava... Eu acho que se hoje eu perder o emprego, como perdi antigamente, eu acho que não vai acontecer o desespero que eu passei. Eu não sei te explicar, mas eu sei que me sinto muito bem, e só tenho um ano de igreja. (João)

A conversão representa para os pentecostais a condensação de todos os momentos da vida do fiel. Todos os momentos de sua vida estarão sempre presentes para lembrar-lhes que escolheram o caminho “correto”. Da experiência da conversão podemos extrair uma ilimitada gama de versões que expressam singularmente os caminhos percorridos pelos “crentes” até chegarem às suas respectivas igrejas.

O que muitas vezes tenho verificado é a associação que os fiéis fazem entre a memória individual, marcada por dramas vividos e, muitas vezes, causados por uma questão de desigualdades sociais, e o passado profano/maligno. Essa memória é importante no momento em que ocorre a transformação de vida do não crente. Sua vida é exposta para reafirmar aos outros o poder que a fé em Jesus e no Espírito Santo exerce sobre aqueles que crêem.

A história de vida é um dos elementos importantes para a formação do “ser pentecostal”. É nela que está o valor dado à conversão. Pode parecer que a história anterior à “mudança radical” de vida seja posta de lado, não tendo mais nenhum significado. Na verdade, dá-se o contrário. Essa vida passada é constantemente lembrada, apesar dos possíveis sofrimentos decorrentes dela, para se contrapor ao momento vivido após o “aceitar Jesus”. Ou seja, a vida “no mundo” é sempre vista como impura, mas não pode ser esquecida, pois foi do sofrimento e dos erros passados que se pôde chegar à salvação.

Além disso, como nos afirma ROLIM, “*Se os dons de falar e orar em línguas de profecia visam mais diretamente revigorar o grupo enquanto espaço privilegiado da manifestação do Espírito, espaço de proteção e de segurança, o de cura exprime a defesa do grupo contra os assaltos do inimigo, o demônio, na medida em que as curas são proclamadas e assim legitimadas pelos crentes*”. (ROLIM, 1985: 212)

## O dinheiro e a cura: o milagre do dízimo na IURD.

AIURD é a principal representante das denominações chamadas neopentecostais, as quais assumem abertamente sua relação com o dinheiro. Assim como o “demônio”<sup>5</sup> possui uma posição privilegiada em seu discurso, também o dinheiro ocupa um lugar sacralizado. Verifica-se então uma espécie de trindade: Espírito Santo, Demônio e Dinheiro. Os três são elementos fundamentais no processo ritualístico, tanto nos cultos quanto nos programas de TV e rádio. Para tanto contam com algumas passagens bíblicas para dar base e sentido ao sistema de troca que se estabelece.

Essa relação é endossada no artigo “O Milagre do Dízimo”, de autoria do Bispo Edir Macedo, retirado da “Folha Universal”<sup>6</sup>, expressando a preocupação com o tema “dinheiro”, e buscando na palavra bíblica os argumentos que possam justificar a prática de trocá-lo por benfeitorias.

O direcionamento dado pela igreja com relação ao dinheiro, tomando-o como base para suas práticas, é demonstrado como um “alcance da plenitude”. O dinheiro passa a ser uma mediação entre a bênção requerida e o responsável em promovê-la: Deus. Existe uma “certeza” de ser recompensado já que Deus se sentiria obrigado a conceder as bênçãos. Segundo Macedo:

Ele fica na obrigação de repreender os espíritos devoradores que desgraçam a vida do homem, atuando nas doenças, nos acidentes, nos vícios, na degradação social (...)

Indo além da troca do dízimo pela felicidade/plenitude, Macedo parte para a esfera financeira propriamente dita. Resgatando valores como fidelidade e solicitude, ele demonstra que o dinheiro representa muito mais que o valor do papel moeda. Nesse caso, a felicidade está intimamente relacionada à posse. Macedo segue dizendo que:

---

<sup>5</sup> O “demônio” é uma categoria nativa, que representa todas as dificuldades encontradas e produzidas “no mundo”, que tem como principal oposição o “espírito santo”. A diferenciação do papel assumido pelo “demônio” na IURD foi discutido no capítulo 3 de minha dissertação, na parte relativa às diferenças das igrejas pentecostais. (GOMES, 1998)

<sup>6</sup>MACEDO, Bispo. O Milagre do Dízimo. in *Folha Universal*, 7-15/11/1997, p. 2. O Bispo Macedo possui uma coluna semanal nesse jornal.

(...) o dinheiro representa muito mais do que um papel com o qual se compra aquilo que deseja. É parte da própria vida, é o suor, o sacrifício e a renúncia a determinadas coisas. Por isso, ele tem se tornado um grande mal para muitas pessoas e um grande bem para outras.

Um dos pontos interessantes desse discurso é quando coloca o fiel na posição de enfrentar e colocar Deus à prova. Além de ser “obrigado” a conceder benfeitorias, seus poderes estão sempre sendo testados e avaliados. Dessa forma, a relação benção x dinheiro x Deus passa por um processo de negociação, onde o fiel detém uma posição privilegiada, tornando-se *sócio de Deus*. Sobre isso Macedo diz que:

Quando nos aliamos a Deus, ficamos compromissados com Ele, e Ele, conosco. Passamos a pertencer a Ele e caminhamos juntos d’Ele da mesma maneira que Adão e Eva faziam antes de desobedecerem, vivendo em abundância de vida e tendo supridas todas as suas necessidades.

A relação com o sagrado, sem o sentimento de temor a Deus, é mais branda nas demais igrejas, que não a expressam de forma tão agressiva e direta, sendo que o dinheiro não é colocado como mediador.

Ao concluir seu artigo, Macedo deixa transparente o papel proposto para o fiel, que não é apenas o de um coadjuvante nas práticas da igreja, mas sim, de um agente atuante dentro da exacerbada “ética protestante”<sup>7</sup> promovida pela igreja. O fiel é um verdadeiro “acionista da fé”. O Bispo Macedo assim termina seu artigo, convocando todos a não perder “a oportunidade de ser sócio de Deus. Coloque-se à Sua disposição com tudo o que você tem e comece a participar de tudo o que Deus tem também!

Sobre a questão da posse na IURD, GOMES<sup>8</sup> ressalta que

a categoria mais fundamental da filosofia e teologia implícitas no discurso e práticas da Igreja Universal do Reino de Deus é a posse. E seja bem claro que posse, nesse caso, não implica posse mística ou transe, mas a detenção de bens em vista da sua fruição. Esses bens são geralmente descritos como elementos indispensáveis para aquilo que se pode qualificar de uma vida digna e feliz: saúde, prosperidade e amor. (GOMES, 1994: 230-231)

<sup>7</sup> Ver essa discussão em: Weber, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1992.

<sup>8</sup> GOMES, Wilson. Nem anjos nem demônios: o estranho caso das novas seitas populares no Brasil da crise. In *Nem anjos nem demônios*. Vozes: Petrópolis (RJ), 1994.

Acredito que a questão da posse vá um pouco mais além, no caso da IURD. Como vimos nesses fragmentos do artigo de Macedo, ela não só está explícita como é parte fundamental do discurso e da lógica da igreja. Na verdade, esse é um de seus principais atrativos, na medida em que os fiéis podem também buscar a cura/saúde financeira.

Encontramos esse mesmo tema no discurso dos membros da igreja. Um dos fiéis assim se pronuncia:

A Igreja Universal tem uma coisa de diferente, ela não deixa você ficar velho. Você chega nas outras igrejas e só ouve “glória, glória, aleluia”. Eu fui numa igreja Assembléia de Deus, em Campos, onde meu tio é pastor. Horrível! Eu cheguei lá com minha esposa, mas tive que sentar de um lado e ela do outro. Só isso já me deixou ‘invocado’. E, também, não pediram dinheiro, aí eu estranhei. Quando saí, perguntei porque não pediram. Me responderam que só pedem aos domingos e somente aos membros da igreja. Você olhava para eles, tudo trumbicado. Um povo arrasado. Quando você dá, normalmente você recebe muito mais. Se eu disser isso para a maioria aí fora, vão me chamar de maluco. Antes eu falava a mesma coisa, mas quando passei a dar meu dízimo nunca mais me faltou nada. Graças a Deus! (...) A Universal tem outra coisa de bom, você vai a Nilópolis, São João, Éden, ou em outro lugar, ela é a mesma coisa. Porque a mesma coisa que se faz numa se faz na outra também. (Carlos, IURD)

O ápice dos cultos da IURD está exatamente nessa troca: a benção pelo dinheiro. Para que isso ocorra há toda uma preparação anterior, sugerida ritualisticamente. Seus cultos são sempre iniciados com uma música. O pastor ora, pedindo que o “Espírito Santo” seja o seu orientador. Todos batem palma e cantam juntos sob a coordenação entusiástica do pastor, que diz: *“se não agirem com força sobre o demônio as coisas que lhes afligem não sairão de seus corpos”*.

Na verdade, esse é um estilo de pensar e praticar a religião que está em todos os momentos da igreja. Alguns ex-membros da IURD, em conversas informais, disseram que sua estrutura baseia-se no estilo de franquia, como no caso de grandes empresas, onde a marca da Universal é alugada por algum pastor, que paga por sua utilização.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Ver mais sobre esse assunto em: CAMPOS, Leonildo Silveira. Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopontecostal. Vozes: Petrópolis (RJ); Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo: São Paulo, 1997.

Várias leituras são intercaladas com cânticos. Cantam, gesticulam e repetem frases de efeito. Podemos ouvir, entre um refrão e outro, vários “aleluia” e “amém”. Mas durante a leitura bíblica, as pessoas sentam-se para ouvir, embora seja livre a intervenção, fato que é muito comum. Após a leitura, o pastor interpreta e explica o que foi lido. Nas vezes em que presenciei os cultos, não sei se por coincidência, os textos lidos continham mensagens relativas aos poderes do Espírito Santo.

Os cultos dos quais participei tinham como ápice a prática relatada acima. Ao seu término, o pastor pedia que os fiéis levantassem seus documentos, dinheiro e outros objetos que desejassem, para serem abençoados pela “graça do Espírito Santo”. Depois dessa benção, pedia “em nome de Jesus” que as pessoas contribuíssem para a “obra”. Deixava clara a relação entre a conquista da “graça” e a quantidade de dinheiro “doado”. Podiam levar envelopes para casa, dado pelos obreiros, onde o dinheiro poderia ser depositado e entregue na semana seguinte. Mas, a benção final somente é concedida quando essa negociação é esgotada.

Um segundo momento importante é quando alguém, na maior parte das vezes aparentemente ainda não convertido, apresenta-se possuído pelo “maligno”, quando este defronta-se com o “Espírito Santo”. O “possuído” é conduzido à frente e lá será “liberto” do mal. O pastor ora com as mãos impostas sobre sua cabeça. Com auxílio de obreiros, que também oram, faz com que a pessoa se ajoelhe, demonstrando que é mais poderoso que aquele que o está afetando. Depois de subjugado o “demônio”, vencido, deixa a sua vítima que, exausta, “aceita Jesus”.

Todo o discurso presente nos cultos é muito bem planejado, trabalhando com os desejos imediatos das pessoas. Segundo a Igreja Universal, existem dez sintomas que caracterizam a possessão demoníaca. São eles: nervosismo, dores de cabeça constantes, insônia, medo, desmaios ou ataques, desejo de suicídio, doença que os médicos não descobrem a cura, visões de vultos ou audição de vozes, vícios (aqui também inclui-se o homossexualismo) e depressão.

O curioso é que os sintomas englobam uma infinidade de ‘doenças’, permitindo que qualquer um se reconheça em algumas dessas dificuldades. Como esses sintomas são uma espécie de prenúncio de uma possessão demoníaca, torna-se mais fácil anunciar sua cura pelo poder do “Espírito Santo”, pois a luta não estaria no plano material mas no sobrenatural.

As pessoas são convidadas a participarem das “correntes de

libertação”<sup>10</sup>, que ocorrem sempre às sextas-feiras. Há indícios de que a escolha da sexta-feira para a realização da ‘corrente de libertação’ esteja relacionada ao caráter simbólico deste dia para a cultura popular, principalmente no que se refere às religiões de raiz africana.<sup>11</sup> “(...) *peessoas que têm problemas espirituais por obra de bruxaria, feitiçaria, macumba, inveja, olho-grande, aqueles que tiveram contato com entidade, ouvem vozes, vêem vultos*”. (FRESTON, 1994: 139)

Vários entrevistados disseram que foram curados nesse tipo de corrente, como no relato que se segue:

Eu fiz uma corrente quando vim para a igreja. Eu nem andava, eu fui carregada para lá. Eu e minha mãe freqüentávamos um centro, e nós saímos porque minha irmã faleceu. A partir daí, eu conheci uma senhora que era da IURD, e foi depois disso que eu passei a freqüentar a igreja. A unção com o óleo também é muito boa, porque para mim serviu. Fui curada e hoje estou aqui andando, graças a Deus e à oração que fizeram para mim. Acho que é uma coisa que realmente é de Deus, porque eu fui em todos os médicos, minha mãe fez de tudo quanto foi macumba e eu não fiquei curada, fiquei mais aleijada ainda, nem andava. Foi a partir daí que eu vi que Deus realmente existia, pois eu tomei vários remédios, fiz de tudo e não ficava curada. Realmente tive certeza que a cura divina existe. (Iara, IURD)

O discurso imediatista baseado na cura e no exorcismo está previsto na estratégia de *marketing* da igreja. Ele é direcionado às expectativas dos fiéis. Esta característica demarca uma mudança de enfoque no “movimento pentecostal”, marcada pelo contato “íntimo” com o “mundano”. Afinal, a grande luta se estabelece nessa esfera. Nesse sentido é necessário aprofundar o que significa o “estar inserido no mundo” para a IURD<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Segundo Freston “as correntes são um processo de limpeza do passado, permitindo que as coisas venham à tona e sejam tratadas pelo exorcismo; do ponto de vista institucional, elas ajudam a firmar a adesão eclesial. Mas não são vistas de forma mágica; antes, reforçam a transformação de vida. Como disse um membro: “Não adianta fazer corrente e continuar fazendo coisa errada, fumando, bebendo, cometendo adultério”. (Paul Freston, Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, p. 139.

<sup>11</sup> Essa é a agenda semanal seguida por todas as igrejas dessa denominação. Segunda-feira: Corrente da Prosperidade ou dos Empresários; Terça-feira: Corrente da Saúde; Quarta-feira: Corrente dos filhos de Deus; Quinta-feira: Corrente da família; Sexta-feira: Corrente da Libertação; Sábado: Corrente da grandeza de Deus; e Domingo: Dia do Senhor.

<sup>12</sup> A especificidade da IURD em relação ao “indivíduo dentro e fora do mundo”, foi

## Considerações finais

Durante o trabalho de campo, realizado na Baixada Fluminense, espaço de efervescência e diversidade religiosa, na qual é grande atuação do pentecostalismo (desde a década de 30), vimos que o processo de conversão está intimamente ligado ao despreendimento de um passado de dor. Nas narrativas colhidas, evidenciava-se muito mais o seu papel na busca pela salvação, que a simples opção por uma denominação pentecostal. De uma maneira ou de outra, estavam vivenciando algum tipo de desordem (moral, social e/ou física). A opção em se filiar a alguma denominação pentecostal apenas pelo “amor” não esteve presente em nenhuma entrevista realizada. E este é um dado que deveria nos instigar com mais intensidade.

A escolha por uma denominação pentecostal através da “dor” é um dado significativo para o estudo da conversão ao pentecostalismo, considerando toda a carga de subjetividades inserida nessa discussão, bem como implica em aprofundar, ainda mais, algumas questões, tão caras às Ciências Sociais, como a importância da relação indivíduo-sociedade.

A frase “não fui por amor, fui pela dor” é quase um *slogan* nas narrativas pentecostais. Ela carrega toda a dramaticidade das histórias de vida, narradas em primeira pessoa, mas com um objetivo plural. Ao mesmo tempo em que é individual, através da oralidade, que é fundamental no pentecostalismo, ela assume um teor de coletivo. Ela significa, ao mesmo tempo, o sentido da conversão individual e o compartilhar das experiências individuais com a coletividade da igreja, o “acender a chama”, incrementando o convencimento do não converso e reafirmando a opção religiosa pentecostal, integrando o drama vivido ao discurso proselitista.

No caso da IURD, a “cura”, a “libertação”, estão intimamente ligadas a ascensão social. Assim como nas demais, o discurso é de que “o maligno” atua em todas as esferas da vida daquele que não “aceita Jesus”. Mas, duas características mais evidentes na IURD ficaram bastante transparentes: a opção via “dor”, a busca da libertação, estava muito mais relacionada a problemas financeiros (desemprego, casa própria, abrir

---

abordado por mim em minha dissertação de mestrado, tendo como contraponto a Assembléia de Deus. Ver. GOMES, Edlaine de C. O Movimento do Espírito: unidade e diversidade do pentecostalismo na Baixada Fluminense. IFCS.UFRJ, 1998.

seu próprio negócio) que com doenças físicas. Por outro lado, o dinheiro é um mediador entre quem pede determinada bênção e o seu provedor. A lógica é: quanto mais eu dou, mas receberei. Nesse sentido, o fiel fica “sócio de Deus”, pois além de ser “curado” ainda recebe o poder de enfrentá-lo caso não fique satisfeito com o resultado da negociação.

A IURD tem provocado uma grande discussão entre cientistas sociais principalmente devido à sua grande visibilidade, tanto no quadro religioso quanto no sócio-político. As polêmicas relacionadas ao imediatismo de suas práticas, ligadas à cura, ao exorcismo e ao dinheiro, acabaram por moldá-la num perfil quase sempre negativo, por vezes, sendo posta de lado a importante discussão religiosa que ela provoca. Nesse caso, ela seria uma igreja que atenderia a uma demanda de “seres flutuantes” desejosos de alguma bênção imediata, desinteressados em maiores reflexões religiosas e compromissos institucionais, sendo simples “consumidores” ou “clientes”.

Há todo um debate, surgido com o aumento das denominações pentecostais a partir da década de setenta, que relaciona termos da economia com a análise da religião propriamente dita. O espaço religioso é chamado de “mercado de bens simbólicos”, a relação entre os fiéis e o sagrado, chama-se “troca de bens simbólicos”, fiéis são “consumidores” ou “clientes”, e assim por diante. De fato, há um fluxo de pessoas que transitam pelas igrejas pentecostais em busca de algum tipo de cura imediata, numa relação institucional fluida, fato que não as insere, necessariamente, numa relação de troca “comercial”.

Contudo, há um outro tipo de fiel, aquele que se associa à instituição religiosa, e constrói diversos tipos de interações baseadas na idéia de pertencimento, no caso, à IURD. Atualmente<sup>13</sup>, verifica-se a existência de um grande projeto de institucionalização da igreja<sup>14</sup>;

---

<sup>13</sup> Em pesquisa (atualmente em andamento) realizada para a tese de doutorado, junto ao PPGCS/UERJ procuro aprofundar esse processo de consolidação institucional via os grandes projetos de expansão da IURD.

<sup>14</sup> Já em minha dissertação de mestrado apontava um processo de “busca de uma aura religiosa”, mais consistente, por parte da IURD, através de sua ligação com o Antigo Testamento e atividades desenvolvidas em Israel, como é o caso da Fogueira Santa de Israel. Nela indicava que a construção da Sede Mundial da igreja era um projeto importante para sua busca de “aura” e “autenticidade”.<sup>14</sup> Porém, foram apenas algumas indicações sugeridas para posteriores aprofundamentos. (GOMES, Edlaine de Campos. *O Movimento do Espírito: diversidade e unidade do pentecostalismo na Baixada Fluminense*. IFCS/UFRRJ, 1998.)

marcado por uma proposta de fidelidade e exclusivismo, interligados num movimento que marca a busca pela consolidação e fortalecimento religioso-institucional. Nesse sentido, como foi dito, o processo de conversão implicaria não só na aquisição de novas crenças, mas no abandono e repulsa das práticas religiosas anteriores, marcadamente identificadas como demoníacas, e que, por esse motivo, devem ser combatidas.<sup>15</sup>

## Bibliografia

- ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed., Petrópolis (RJ), Vozes, 1996.
- BIRMAN, Patrícia & LEHMANN, David. *Religion in a Battle for Ideological Hegemony: the Universal Church of the Kingdom of God and TV Globo in Brazil*. Great Britain: Elsevier Science, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed., São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Difel, 1989.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis (RJ), Vozes: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.
- CONTINS, Márcia. *Tornando-se pentecostal - um estudo comparativo sobre pentecostais negros nos EUA e no Brasil*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1966.
- DUMONT, Louis. *O individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Rio de Janeiro, Edições Paulinas, 1989.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Coleção Vida e Cultura, Lisboa, Livros do Brasil, sem data.
- \_\_\_\_\_. *Imagens e símbolos*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- FERNANDES, Rubem Cesar. *Governo das almas: as denominações evangélicas*

<sup>15</sup> "O discurso sobre a força do demônio, muito marcante e presente em ambos os grupo, exige que o fiel recuse as práticas combatidas pela liderança religiosa, servindo para marcar as fronteiras institucionais e assim fortalecer as igrejas e seus dogmas. Por outro lado, apontam, também, o processo de desinstitucionalização da identidade religiosa" Todavia, é no primeiro caso que estou mais interessada. (MARIZ & MACHADO: 2000, p. 8)

no Grande Rio, in: *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, Vozes, 1994: 163-203.

FRES'TON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro, in: *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, Vozes, 1994: 67-162.

GOMES, Edlaine C. *O movimento do espírito: diversidade e unidade do pentecostalismo na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado em Sociologia (com concentração em Antropologia), 1998.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ; IPHAN, 1996.

\_\_\_\_\_. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. In: *Estudos Históricos*, n 2, Rio de Janeiro, Campus, 1989.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas (SP), Autores Associados; ANPOCS, 1996.

MARIZ, Cecília. & MACHADO, Maria das Dores. Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais, in: *Comunicações do ISER*, 45 (1994): 24-34.

MARIZ, Cecília. Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo, in: *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, Vozes, 1994, 204-224.

MARIZ, Cecília L. & MACHADO, M. D. C. *Mudanças recentes no campo religioso brasileiro*. (texto não publicado)

PRANDI, Reginaldo. *Religião, biografia e conversão: escolhas religiosas e mudanças da religião*. Texto apresentado nas IX Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Rio de Janeiro: IFCS, 1999.

ROLIM, Francisco C. *Pentecostais no Brasil - uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis (RJ), Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. Pentecôtisme et visions du monde, in: *Social Compass*, 39 (3), 1992, 401-422.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1992.

•

•

•

•